



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

A FORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO *SERÁ SE*

CONSTRUCTION TRAINING WILL BE IF

Fernanda Matos Moreira - UEG¹

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de fazer uma análise da construção *Será se* no lugar da construção *Será que*, por meio dos pressupostos teóricos-metodológicos da teoria da Gramática de Construções, representada, sobretudo, Adele Goldberg (1995), William Croft (2001), Graeme Trousdale (2013), entre outros. Buscando um melhor esclarecimento acerca dos processos construcionais e das motivações que levaram à mudança das construções verificaremos se as expressões analisadas, *Será que* e *Será se*, sofreram realmente um processo de construcionalização, ou seja, ocorreram mudanças linguísticas na forma e no sentido destas sequências, produzindo novas unidades simbólicas ou as expressões acima passaram por processos de mudança construcional. Para isso, apresentaremos o esquema com os diferentes níveis do processo construcional dessa construção. Esquemas são generalizações taxonômicas que apontam para padrões de experiência rotinizados. São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes. *Esquematicidade* diz respeito, então, a quanto uma construção é geral e aberta ou específica, devendo ser considerada em um *continuum*. Observamos que a nova construção está relacionada com o grau em que uma construção captura padrões mais gerais em uma série de construções mais especificadas.

Palavras chaves: *Será se*. Gramática de Construção. Linguística.

Abstract:

This work aims to analyze the construction *Se* in the place of construction *Will*, through the theoretical-methodological assumptions of the theory of Grammar of Constructions, represented, above all, by Adele Goldberg, William Croft, Mirjam Fried, Graeme Trousdale, between others. Seeking a better clarification about the constructional processes and the motivations that led to the change of constructions, we will verify if the analyzed expressions, *Se* and *Se*, really underwent a process of constructionalization, that is, there were linguistic changes in the form and meaning of these sequences, producing new symbolic units or the above expressions have gone through processes of constructional change. For this, we will present the scheme with the different levels of the construction process of this construction. Schemas are taxonomic generalizations that point to routinized patterns of experience. They are abstractions unconsciously perceived by speakers. Schematicity, then, concerns the extent to

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual do Goiás (UEG). E-mail: fer.matos.moreira@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

which a construction is general and open or specific and must be considered on a continuum. We will note that new construction is related to the degree to which a construction captures more general patterns in a series of more specific constructions.

Key words: It will be if. Construction Grammar. Usage-Centered Linguistics.

Introdução

O tema deste artigo se pauta no estudo da formação da construção *Será se*, que se tornou recorrente na fala dos moradores da cidade de Barra do Garças-MT. Dessa maneira, acredita-se que há um processo de mudança linguística em que a forma *Será se* substitui a construção *Será que* nos levando para um levantamento e análise interpretativa do processo de construcionalização da referida construção, bem como, a identificação dos seus contextos de mudança.

Para essa análise interpretativa tomamos como base a teoria da Gramática de Construções, representada, sobretudo, por Adele Goldberg (1995), William Croft (2001), Graeme Trousdale (2013), entre outros.

Entre os pressupostos teórico-metodológicos estão: a concepção de língua como um sistema adaptável complexo que emerge, regulariza-se e se transforma com base nas necessidades comunicativas de seus usuários, envolvendo processos cognitivos e motivações sociointeracionais; o entendimento de que a língua se constitui de uma rede de construções hierarquizadas e interconectadas por relações diversas, sendo a construção a unidade linguística básica; o posicionamento quanto à integração entre língua(gem), discurso, cognição, cultura e interação; a ideia da escalaridade entre léxico e gramática; a defesa de que a investigação linguística deve ancorar-se em dados de fala e/ou de escrita, provenientes do discurso natural, considerando, além dos aspectos formais, os fatores semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos subjacentes (BYBEE, 2010).

Buscando um melhor esclarecimento acerca dos processos construcionais e das motivações que levaram à mudança das construções verificamos se as expressões analisadas, *Será que* e *Será se*, sofreram realmente um processo de construcionalização, ou seja, ocorreram mudanças linguísticas na forma e no sentido destas sequências, produzindo novas unidades simbólicas ou as expressões acima passaram por processos de mudança construcional, isto é,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

quando há apenas a mudança no aspecto formal ou no aspecto semântico da construção? E quais habilidades cognitivas estão envolvidas neste processo de mudança linguística: analogia, *chunking*, categorização (BYBEE, 2010). Dessa forma, buscamos analisar não somente o processo de mudança linguística da construção *Será se* no lugar da construção *será que*, como também a expansão da construção [V+PRON] e das suas redes construcionais. Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções se organizam através de uma rede, com nós e *links* de forma hierárquica.

A partir de uma abordagem cognitiva da linguagem, percebemos que as estruturas linguísticas não são rígidas, mas maleáveis, sendo motivadas pelas necessidades localizadas de expressão e comunicação. Considera-se que o significado dos enunciados são construídos a partir do uso, guiados pelas formas linguísticas; por uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem; e validado no contexto comunicativo.

Podemos observar a gramática como simbólica porque consiste em forma, significado e convenções compartilhada de uma comunidade. “Ela é um mecanismo constitutivo do fazer da linguagem, e nela, exatamente, repousa do cálculo da produção do sentido do que é enunciado.” (NEVES, 2014, p. 71). A gramática é emergente do uso do discurso e assim, como a língua, é uma regularidade dinâmica e fluida. Pois, o sentido não está na estrutura, ele é construído a partir da estrutura.

Metodologia

Diante dos princípios apresentados, acreditamos que um estudo mais assertivo da gramática deve ser centrado no uso. Por isso, deve-se considerar que a gramática emergirá de construções que serão ativadas em contextos de comunicação real – “como um sistema adaptativo complexo” (BYBEE, 2016, p. 30). Sendo assim, para que se possa estudar a gramática, a partir desta perspectiva, tanto *corpora* de língua falada quanto de língua escrita são fontes de evidências.

A priori, apresentamos uma análise do verbo *ser* buscando compreender a sua função dentro da gramática normativa e a sua capacidade de obter novas funções gramaticais. Depois fez-se uma análise de acordo com as teorias apresentadas da Linguística Funcional Centrada no



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Uso, compreendendo o processo de formação da construção do *Será se* no lugar da construção *Será que*. Para isso, demonstrou-se o esquema com os diferentes níveis do processo construcional dessa construção e observamos que a nova construção está relacionada com o grau em que uma construção captura padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas. Concluindo-se que muito ainda deverá ser aprofundado para uma melhor compreensão do mesmo.

Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) refere-se a uma linha teórica que une a tradição funcionalista norte americana, nos moldes de pesquisadores como Talmy Givón(1995), Paul Hopper, Elizabeth Closs-Traugott (2013), Joan Bybee (2015) com a Linguística Cognitiva, em particular, a Gramática de Construções, representada, principalmente, Adele Goldberg (1995), William Croft (2001), Graeme Trousdale (2013), entre outros.

Diante disso, o ponto de partida é a noção de construções: “pareamento de forma e significado, que frequentemente têm posições esquemáticas que variam com relação à quantidade de itens lexicais” (BYBEE, 2016, p. 128). Neste sentido, entende-se que os falantes sabem mais a respeito de sua língua do que apenas algumas regras gerais. Desta forma, a noção de construção é estendida à compreensão de toda a gramática, não se limitando a expressões idiomáticas ou pré-fabricadas (*prefabs*). Isso permite que se tenha como premissa o fato de que o *chunking* permite ao falante, por meio da repetição, categorizar termos que apresentem semelhanças.

A teoria da gramática de construções permite considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada função vista de modo diferente na significação do enunciado. Ou seja, observa-se na gramática uma rede de relações nas estruturas que se assentam fortemente nos significados, mas que se define em torno da organização discursiva.

Nessa linha, podemos entender a fala de Beaugrande (1993), quando afirma que o discurso é visto como uma rede total de eventos comunicativos relevantes e, acrescenta Givón



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

(1991), que a gramática sofre as determinações do discurso. Já que podemos observar que os padrões encontrados nas gramáticas também encontram correlatos no discurso.

Não se pode dizer que o discurso e a gramática sejam a mesma coisa, eles possuem diferenças, mas coexistem e interagem, interinfluenciando-se profundamente em todos os níveis. Desta forma, pode-se perceber que no estudo da gramática e do discurso em conjunto podemos entender como que a língua é o que é.

Como Bybee (2010) afirma, a gramática não é um sistema estático, fechado ou contido em si, ela é suscetível à mudança e altamente testada pelo uso. A gramática é emergente do uso e do discurso e assim como a língua, é uma regularidade dinâmica e fluida.

A língua se organiza como rede, como um sistema. O sistema existe como repetição do uso e este, por sua vez, muda o sistema. Quanto mais há o uso, mais claro fica o sistema e mais isso leva a economia linguística.

Sabe-se, então, que as construções apresentam a relação entre itens do léxico específicos e estruturas gramaticais. As categorias apresentam itens que são mais centrais e outros marginais, tendo os últimos alguma relação de similaridade estabelecida com os primeiros, ou seja, as categorias apresentam gradiência. Como no exemplo da categoria árvore, temos como mais centrais as palmeiras, os pés de sete copas e os pinheiros e entre as mais marginais os pés de pimenta, rosa do deserto entre outras.

Em uma construção há posições que são abertas, essas posições serão ocupadas por uma categoria que preencha os pré-requisitos para tal. Desta forma, as posições podem apresentar maior ou menor grau de produtividade. Em outras palavras, a categoria que pode ocupar uma determinada posição apresentará maior número de itens.

À medida que um exemplar de uma construção atinge alta frequência de ocorrências, ele é processado sem ativação de outros exemplares da construção e começa a perder analisabilidade e composicionalidade. Assim, construções representadas por membros de alta frequência ou expressões formulaicas tendem a não ser produtivas. Pois, quanto mais frequente uma sequência é processada diretamente como unidade, tanto menos provável que ela ative outras unidades ou a construção à qual ela pertence e tanto mais provável que ela perca sua analisabilidade.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Novas construções se desenvolvem de construções existentes, as construções existentes são transferidas para as novas ao longo do tempo. Como podemos dizer, hipoteticamente, que seja o caso do nosso objeto de estudo, que é a construção *Será se* que se desenvolveu da construção *Será que*.

Por isso, podemos dizer que quando há uma mudança de uma palavra autônoma em elemento gramatical, ocorre a gramaticalização. Gonçalves *et al.* (2007, p. 29) apresenta a gramaticalização como a “exploração de velhas formas para novas funções”, introduzindo-as em categorias que não tinham expressão linguística, transformando todo o sistema.

A gramaticalização teria, pois, uma motivação pragmático-discursiva, por isso, alguns autores postulam estágios ou etapas da gramaticalização como o ciclo funcional de Givón (1995). O esquema do autor busca representar os processos de regularização do uso da língua em termos diacrônicos: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero. Em princípio, itens lexicais/construções passam a ser utilizadas eventualmente no discurso e, embora possam ter determinada função gramatical, seu uso não é sistemático e estático. Por conta da repetição do uso, a construção se torna mais regular com determinada estruturação sintático-morfológica. O que ocorre é que se utilizam formas já existentes para desempenhar novas funções e sempre na direção do menos concreto e mais gramatical.

A gramaticalização acontece da emergência de novas categorias – mais do que do ponto de vista do processo em si. As gramáticas são “produtos de desenvolvimento histórico, entre eles a gramaticalização”, afirma Lichtenberk (1991, p.38), que aponta três consequências prototípicas decorrente do processo:

1. Emergência de uma nova categoria gramatical;
2. Perda de uma categoria existente;
3. Mudança no conjunto de membro que pertencem a uma categoria gramatical.

Quando elementos linguísticos adquirem novas propriedades, eles tornam membros de novas categorias. Mas a forma nova não expulsa a forma velha imediatamente, mas começa a ser usada como variante com mais frequência, até a frequência do uso substituir por completo a forma velha.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Percebe-se, então, que o conhecimento linguístico advém também de experiências do falante que ocorrem dentro e fora da mente, experiências socioculturais que podem ser chamadas de *frames*. Pode-se dizer que o *frame* se refere à estrutura de conceitos relacionados que se ativam mutuamente (espaços mentais), compondo um determinado contexto que é cognitivamente acionado a partir da palavra ou expressão à qual o *frame* se refere. Ou seja, as palavras fazem sentido porque evocam o conhecimento (semântico e estrutural) de mundo que é organizado. Tais conhecimentos são estocados na memória, parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes, ou seja, são os domínios cognitivos.

A base metafórica da gramaticalização pode ser apreendida desta apresentação das tendências apontadas como caracterizadoras da mudança semântica.

1. Os significados baseados na situação externa passam a significados baseados na situação interna (avaliativa/preceptual/cognitiva);
2. Os significados baseados na situação externa ou interna passam a significados baseados na situação textual (=coesiva);
3. Os significados tendem a torna-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação. (GENETTI, 1991, p. 248)

Os padrões e esquemas internalizados pelo falante podem surgir na superfície linguística, constituindo um rico objeto para pesquisas voltadas à perspectiva cognitivista dos estudos da linguagem. Como é o caso da construção *Será se* que se tornou bastante comum entre os falantes do Português brasileiro na cidade de Barra do Garças.

Por conseguinte, é necessário ter em mente que a atividade linguística não pode ser entendida como uma atividade unilateral. O falante, quando interage com outra pessoa, mobiliza muitos outros recursos, além do linguístico, para ser entendido. Deste modo, outro elemento que deve ser considerado na análise linguística é o elemento social. A interação social exige mais do que a mera mobilização de conhecimentos linguísticos para ter sucesso. O falante precisa compreender o contexto geral em que se insere (incluindo aí, também, seu interlocutor).

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Jhonson (1980) dá boa base para os estudos cognitivistas, pois concebe a ideia de que a metáfora surge de modo natural para compreensão e significação do mundo. A ideia é que domínios *alvo* são alcançados, por meio da metáfora, lançando-se mão de domínios fonte.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

A teoria das construções gramaticais parte da noção de que, no uso, o falante se vale de padrões internalizados, que se definem pelo pareamento entre forma e função. Assim sendo, no uso, diante de um evento no mundo, o falante utilizará formas linguísticas que podem desempenhar funções que estejam associadas à forma como ele entende e significa o mundo.

Por fim, a linguística centrada no uso entende que os padrões surgem a partir da repetição contexto de interação verbal. O uso da língua atua na formação de padrões que refletirão “[...] processo cognitivos ativados na frequência do uso da língua.” (NEVES, 2018, p. 131).

Análise

O uso frequente do verbo *ser* como pleno tornou-se escasso no século XIV. Seu traço semântico de *transitoriedade* passou a ser um “resíduo arcaizante”. O verbo assumiu, então, o traço semântico de *permanência*. O uso de *ser* faz uma atribuição intrínseca à coisa a que se refere, transferindo-lhe uma identidade ou uma qualidade permanente, pela qual pode ser reconhecida, considerando sua significação arcaica de *estar sentado* (CASTILHO, 2010).

De acordo com Gaspar (2011, p. 116), *ser* ainda carrega um valor etimológico em alguns casos, embora haja mais ocorrências dele como verbo funcional. No decorrer do tempo, ao expandir-se semanticamente, esse verbo foi se impregnando de abstratização, perdendo conteúdo nocional e incorporando funções gramaticais. É, portanto, relacional/de ligação por excelência, o que também é defendido em Travaglia (2003).

Quando buscamos nas gramáticas normativas, nos estudos da morfologia, *ser* é considerado no que se refere à sua participação em estruturas perifrásticas e seu comportamento como verbo auxiliar aspectual bem como às suas flexões; no domínio da sintaxe, é tido como verbo copulativo (de ligação, ou transpositor), que apenas conecta um termo a outro (sujeito e predicativo), sendo considerado desprovido de significação plena (ROCHA LIMA, 2010; CUNHA; CINTRA, 2013). Assim, esse verbo é tratado no limite da estrutura oracional como um constituinte gramatical(izado) sem conteúdo significativo em si mesmo (COELHO, 2006).

Na nossa construção estudada temos o verbo “SER”, que, conjugado na terceira pessoa do singular, no Futuro do Presente (SERÁ), mostra uma dúvida, mesmo tendo o aspecto



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Perfetivo, e tem uma expressão que fica oculta, mas deve ser subentendida. Trata-se de algo como “verdade” ou “possível”, uma possibilidade de evento. Como podemos observar no exemplo: “Será se/que eu escrevi certo?” ou “Será (possível) se/que eu escrevi certo?”.

Logo depois desse conjunto (*SER+QUE*), vem uma frase que deverá ser analisada segundo essa dúvida. Nesse caso, “eu escrevi certo?”. Portanto, são duas orações conjugadas, em que a primeira mostra que há uma necessidade de confirmação, o que gera uma condição para muita gente. Ou seja, a macroconstrução [Verbo+Conj] faz a predicação da oração.

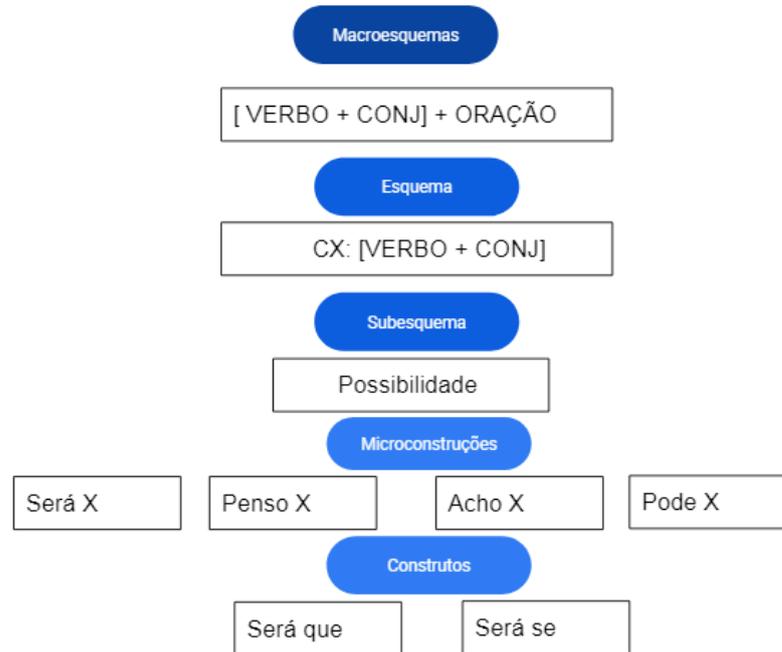
Quando falamos de condição, podemos nos lembrar das conjunções ou locuções condicionais. Na lista delas, encontramos “contanto que”, “salvo se”, “senão”, “caso”, “uma vez que”, entre outras, mas destacamos o “se”.

Nota-se que há subentendida uma condição quando utiliza-se do “se” para construir a oração. *Se escrevi certo ou errado, preciso saber. Tenho essa dúvida.* O “se” acaba aparecendo e se conjuga com o termo “será que”.

Analisando a imagem a seguir em que se apresentam os diferentes níveis do processo construcional dessa construção, observa-se que o nosso objeto de estudo se inicia em um Macroesquema [Verbo+Conj] +oração, que tem como esquema a CX: [Verbo+Conj], faz parte do subesquema da possibilidade, já que nos traz a ideia de probabilidade, alternativas ou chances, levando-nos a microconstruções [Será x], [Penso x], [Acho x] e [Pode x], que seriam os verbos que poderiam ser acompanhados pelos pronomes *que* e *se*, e que encontramos o objeto de nosso estudo que é o construto *Será se*.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Esquemas são generalizações taxonômicas que apontam para padrões de experiência rotinizados. São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes. *Esquematicidade* diz respeito, então, a quanto uma construção é geral e aberta ou específica, devendo ser considerada em um *continuum*. Está relacionada com o grau em que uma construção captura padrões mais gerais em uma série de construções mais especificadas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Como podemos ver no caso do *Será se*.

Conclusão

Na abordagem construcional da gramática, a língua é considerada como uma rede de pares de forma e significado. Observamos também como a mente organiza ou dispõe a rede conceptual do falante. Assim, por levarmos em consideração a visão construcional e cognitiva, nossa pesquisa se torna relevante, pois se insere no âmbito de estudos do Português brasileiro, mais especificamente dos falantes de Barra do Garças – MT, *locus* em que ainda há poucos trabalhos que há a abordagem no local. Dessa forma, uma pesquisa mais aprofundada para analisar não somente o processo de mudança linguística da construção *Será se* no lugar da



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

construção *será que*, como também a expansão da construção [V+CONJ] e das suas redes construcionais se torna necessária.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções se organizam através de uma rede, com nós e *links* de forma hierárquica. E, ainda de acordo com este modelo construcional, quanto maior a similaridade ou o parentesco entre as construções, maior a probabilidade das mesmas se encontrarem mais próximas.

Dessa maneira, volta-se, na tese, para o levantamento e a análise interpretativa do processo de construcionalização das construções *Será se* e *Será que*, bem como a identificação dos seus contextos de mudança. Ademais, outra questão a ser analisada, em relação à formação de tal construção, refere-se à frequência (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), já que, conforme afirma Bybee (2010), a frequência surge como fator predominante para o processo de formação das novas construções.

Portanto, neste trabalho fizemos uma pequena prévia de análise da construção *Será se*, com o esquema dos diferentes níveis do processo construcional dessa construção, mostrando a necessidade de uma análise mais detalhada, um projeto de pesquisa com mais tempo ou uma dissertação de mestrado para que se possa entender melhor esse fenômeno linguístico que está se tornando recorrente na fala dos brasileiros.

Referências

BYBEE, J. L. Uma perspectiva da língua baseada no uso. *In*: BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016. p. 17-34
CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

COELHO, Sueli Maria. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa**. 2006. 323 f. Tese de Doutorado em Linguística. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUNHA, Furtado, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: princípios básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Linguística**



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad/ FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FREITAG, R. M. K. Idade uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-12, 2005.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et. al. **Introdução à gramaticalização:** princípios teóricos e aplicações. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, Maria Helena de M.. **Gramática funcional:** interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. **Construcionalization and constructional changes**. Oxford: University Press, 2013.